

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

HANNA SUANNE DE OLIVEIRA SILVA

A estetização da política e o neofascismo em rede

São Paulo

2020

HANNA SUANNE DE OLIVEIRA SILVA

A estetização da política e o neofascismo em rede

Versão Original

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Romanini

São Paulo

2020

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento à minha família, pelo amor incondicional.

Aos meus amigos, que me trouxeram leveza quando tudo parecia pesar.

E ao meu companheiro, Felipe, por mostrar que a caminhada pode ser feita sozinha, mas com amor e companheirismo se torna mais fácil.

RESUMO

SILVA, Hanna Suanne de. A estetização da Política e o neofascismo em rede. Dissertação (Especialista em Mídia, Informação e Cultura) – Centro de Estudos Latino-americanos Sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Em meados do século XX, pensadores buscaram compreender a ascensão da extrema-direita nazifascista na Europa. Um desses pensadores foi Walter Benjamin. O teórico alemão debruçou-se em estudos sobre uma filosofia estética com esse mesmo intuito, porém, não somente sob uma visão econômica e política, mas sob a construção de um campo semântico que transformou a política em espetáculo usou do nacionalismo, messianismo e saudosismo de um suposto passado de glórias BENJAMIN (2013), e fez do cinema sua máquina de propaganda para se estabelecer no poder, ligando esses fatores à transformação da arte pelo avanço do capitalismo industrial e da massificação BENJAMIN (2012). Hoje, o mundo vive em um novo período de transformações com o estabelecimento da Revolução Digital e as novas formas de mediação social que emergiram desse fenômeno. Concomitantemente, o Brasil e o mundo veem uma extrema-direita que produz campos semânticos particulares ascender no horizonte. Esses grupos se fazem valer de ferramentas tecnológicas que ganharam força com a tecnologia algorítmica AMADEU (2019) por meio das mídias sociais transformou a política em espetáculo. Assim sendo, e analisando a ascensão do bolsonarismo no Brasil, esse trabalho busca responder: seriam as mídias sociais ferramentas cooptadas pela extrema-direita brasileira para a estetização da política e consequente ascensão de sua ideologia?

Palavras-chave: Fascismo. Política brasileira. Web. Mídias sociais. Extrema-direita.

ABSTRACT

SILVA, Hanna Suanne de. A estetização da Política e o neofascismo em rede. Dissertação (Especialista em Mídia, Informação e Cultura) – Centro de Estudos Latino-americanos Sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

In the middle of the 20th century, thinkers sought to understand the rise of the Nazi-fascist far-right in Europe. One of these thinkers was Walter Benjamin. The German theorist focused on studies of an aesthetic philosophy with this same aim, but not only from an economic and political point of view, but under the construction of a semantic field that transformed politics into spectacle, used nationalism, messianism and nostalgia of a supposed past of glory BENJAMIN (2013), and made cinema its propaganda machine to establish itself in power, linking these factors to the transformation of art through the advance of industrial capitalism and the massification BENJAMIN (2012). Today the world lives in a new period of transformations with the establishment of the Digital Revolution and the new forms of social mediation that emerged from this phenomenon. Concomitantly, Brazil and the world see an extreme right that produces particular semantic fields rising. These groups make use of technological tools that have gained strength along with the algorithmic technology AMADEU (2019) through social media has turned politics into spectacle. Thus, analyzing the rise of Bolsonaroism in Brazil, this work seeks to answer: would social media be tools co-opted by the Brazilian extreme right for the aestheticization of politics and the consequent rise of its ideology?

Key words: Far-right. Fascism. Social Media. Brazilian politics.

RESUMEN

SILVA, Hanna Suanne de. La estetización de la política y el neofascismo en red. Disertación (Especialista en Medios, Información y Cultura) - Centro de Estudios Latinoamericanos sobre Cultura y Comunicación, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2020.

A mediados del siglo XX, los pensadores intentaron comprender el surgimiento de la extrema derecha nazifascista en Europa. Uno de estos pensadores fue Walter Benjamin. El teórico alemán se centró en los estudios sobre una filosofía estética con esta misma intención, sin embargo, no solo desde el punto de vista económico y político, sino bajo la construcción de un campo semántico que transformó la política en un espectáculo utilizó el nacionalismo, el mesianismo y la nostalgia para un supuesto pasado de gloria BENJAMIN (2013), y convirtió al cine en su máquina de propaganda para afianzarse en el poder, vinculando estos factores a la transformación del arte a través del avance del capitalismo industrial y la masificación BENJAMIN (2012). Hoy, el mundo vive en un nuevo período de transformación con el establecimiento de la Revolución Digital y las nuevas formas de mediación social que surgieron de este fenómeno. Al mismo tiempo, Brasil y el mundo ven una extrema derecha que produce campos semánticos particulares que se elevan en el horizonte. Estos grupos hacen uso de herramientas tecnológicas que han ganado fuerza junto con la tecnología algorítmica AMADEU (2019) a través de las redes sociales ha convertido la política en espectáculo. Por tanto, y analizando el auge del bolsonarismo en Brasil, este trabajo busca responder: ¿Las herramientas de las redes sociales son cooptadas por la extrema derecha brasileña para la estetización de la política y el consecuente auge de su ideología?

Palabras clave: fascismo. Política brasileña. Web. Redes sociales. Más a la derecha.

INTRODUÇÃO

Em 2018, a vitória da disputa eleitoral para presidência de Jair Messias Bolsonaro não significou, para o Brasil, apenas o triunfo de uma candidatura ou até mesmo de um projeto político-institucional, ela também desenhava no horizonte do país a consolidação de uma ideologia que vinha ascendendo na última década, disseminada, em grande parte, pela web, e inspirada por movimentos de extrema direita em países da Europa e Estados Unidos da América (HERMASSON, 2018).

O balanço do governo Bolsonaro e a disseminação da ideologia bolsonarista não são algo positivo. O Brasil e o mundo enfrentaram em 2020 o maior desafio do século XXI: o surgimento de um vírus letal que matou milhões no planeta e dezenas de milhares de brasileiros. Indo na contramão da comunidade científica internacional, o Presidente e seus apoiadores pregam contra o isolamento social, desdenham das mortes no país e fazem carreatas exigindo a reabertura do comércio e dos estabelecimentos de prestação de serviço.² Bolsonaro, encontra nas redes sociais o local para dar vazão às suas ideias - estratégia de comunicação adotada desde antes da corrida eleitoral em 2018, que deixa visível a construção de uma estética política que em muito contribuiu para sua ascensão e adesão de adeptos ao pensamento bolsonarista. Essa estética política está conectada à ascensão dessa nova ideologia de extrema direita aqui mencionada. Assim definiu Hermansson e outros pesquisadores no livro *Direita Alternativa Internacional: Fascismo para o século 21?*:

Definimos a “Direita Alternativa” internacional como uma organização internacional de indivíduos e grupos, operando primariamente online, mas com propósitos no mundo offline, cujo o principal pensamento é que uma “identidade branca” está sob ataque por grupos a favor do multiculturalismo, elites liberais e os também chamados “soldados da justiça social” que como eles alegam usam “correção política” para erodir a civilização ocidental e os direitos dos homens brancos. Colocando de maneira simples, a “direita alternativa” é um movimento de extrema-direita, anti-globalista que oferece a radical “alternativa” para o tradicional conservadorismo. (HERMANSSON, 2018, l. 337).

É importante destacar que esse movimento de extrema-direita ganha força com contextos políticos, sociais e econômicos globais e regionais. Falando sobre o Brasil, o país vive sob forte crise política desde 2013 com a irrupção das Jornadas de Junho - protestos de massa que iniciaram com a revolta popular pelo aumento das passagens de ônibus na cidade

¹ Segundo diagnóstico do presidente da FioCruz em entrevista para o site da Band News (2020).

² Como pode-se constatar em reportagem veiculada no portal de notícias UOL intitulada *Carreatas contra isolamento social têm críticas a Maia e apoio a Bolsonaro* (2020).

de São Paulo e acabaram tomando o país. Além das passeatas de Junho, o desgaste dos governos petistas contribuiu para o crescimento de um discurso despolitizado, de ódio à política e alimentou a criação de um inimigo comum aos brasileiros - o Partido dos Trabalhadores (PT). À nível global, os indivíduos já vinham sofrendo com questões subjetivas e coletivas com os desdobramentos do mundo globalizado e seus desafios culturais, como consequência de fluxos migratórios mais intensos e desigualdades sociais. Para agravar o cenário, a crise financeira de 2008, desencadeada pelo colapso do mercado imobiliário nos Estados Unidos, trouxe ainda mais insegurança em um mundo cada vez mais incerto. Prato cheio para acirramentos no antagonismo de classe e discursos de criação de "inimigos", que se voltou contra imigrantes. A socióloga Sabrina Fernandes, destaca esse processo aqui no Brasil.

O esvaziamento de significantes políticos pela pós-política, deixando os novos significados vagos e flexíveis o suficiente para uma visão tecnocrática, acaba abrindo espaço para a ultrapolítica e sua tomada dos significantes com um conteúdo polarizado e embasado em afetos negativos de uma perspectiva de guerra política. (FERNANDES, 2019, p. 4271).

Desta forma somos apresentados a dois conceitos: pós-política e ultrapolítica que foram melhores definidos pelo pensador eslavo Slavoj Žižek. Na ultra política, o antagonismo é substituído por ódio, por medo e pela gestão do pânico pela via conservadora e de forma autoritária” (FERNANDES, 2019, l. 4.716). O cenário político induz a falsas “radicalizações” militarizando o discurso político e traçando o outro como inimigo. Assim como expõe Žižek:

A tentativa de despolitizar o conflito, levando-o a um extremo pela militarização direta da política – reformulando-o como uma guerra entre “Nós” e “Eles”, nosso Inimigo, na qual não haveria base comum para o conflito simbólico – é profundamente sintomático que, em vez de luta de classes, a direita radical fale de guerra de classes (ou de sexos). (ŽIŽEK, 2016, p. 284).

É esse o ambiente político que vem sendo construído de grão em grão desde o final da primeira década do século XXI no Brasil e no mundo, com cada país tendo seus “inimigos” comuns traçados por meio das suas realidades sociais, mas com um discurso que os interconecta a nível global. Abordar os conceitos de pós-política e ultrapolítica se faz necessário para traçar paralelos em busca do reconhecimento do ambiente de produção de um novo tipo de fascismo.

Dessa forma, chegamos a alguns pontos importantes: um inimigo que se relaciona com uma suposta ameaça a uma identidade branca, masculina e ocidental; a um passado de

triunfo contra a globalização e trocas culturais. Esse fio condutor comum é o que os organizam, sobretudo, pelas mídias digitais. É lá que diferentes correntes de extrema-direita, com reivindicações não necessariamente completamente compatíveis, se auto-organizam de forma horizontal e constroem uma verdadeira máquina de propaganda ideológica orgânica.

Retomando a questão estética bolsonarista, para além do método de distribuição ideológico, um dos principais ambientes em que é possível se identificar um campo semântico próprio a essa extrema-direita é o vídeo. Em uma dessas produções, mais especificamente, uma transmissão ao vivo realizada na página de Jair Bolsonaro, o presidente aparece acompanhado por outras duas figuras masculinas. Todos, em dado momento da transmissão, bebem leite. Esse é um fato que poderia passar despercebido aos olhares menos atentos, contudo o leite possui uma profunda ligação com movimentos neonazistas. Como descrito por Melanie DuPuis no livro *How Milk Became America's Drink* (2002) a bebida é um dos pontos na construção do estado-nação ocidental e a bebida foi superestimada por indivíduos que eram tolerantes a lactose por ligarem esse fato a cor de suas peles e sua origem. Há inclusive perfis em redes sociais que adotam figuras de copos de leite ao lado de seus nomes sinalizando essa ideia, mas isso com a intenção de memetizar ou viralizar, como apontado por Hermansson.

Dado o ódio pelo establishment liberal, a direita alternativa trolou organizações da mídia tradicional fazendo-os pensar que símbolos inócuos estavam sendo usados intencionalmente como representação do pensamento da extrema-direita. Isso inclui imagens de leite como símbolo da supremacia branca. (HERMANSSON, 2018, p. 131).

Outro ponto recorrente na construção desse campo semântico-discursivo do bolsonarismo é a evocação de um messianismo. No dia 19 de maio de 2019, Bolsonaro publicou um vídeo na rede social Facebook em que um pastor diz que o militar “é um escolhido por Deus”³.

E assim caminhamos para o que se propõe o trabalho que vem a seguir: o conceito de estetização da política como pilar para a ascensão da extrema-direita no Brasil. O historiador Alcir Lenharo em *Nazismo: o triunfo da vontade* (1986) discorre sobre como o modo de atuação nazista, em certa medida, trouxe à tona esse discurso messiânico. Hitler seria o “novo redentor”. Além do discurso messiânico, fato também apontado por Benjamin em sua *Crônica dos desempregados alemães* (2013), ele cita outros fatores que concomitaram na ascensão do

³ Conforme mostra a reportagem Bolsonaro publica vídeo em que pastor o aponta como ‘escolhido’ por Deus do veículo Poder 360.

nazi-fascismo. Em *A Obra de Arte na Época* cita a importância do cinema para um processo de estetização da sociedade. Segundo ele:

As massas têm o direito de exigir uma transformação do regime da propriedade; o fascismo quer permitir-lhes que se expressem, porém conservando o regime. O resultado é que ele tende naturalmente a uma estetização da vida política. A essa violência sofrida por uma aparelhagem, quando a colocam a serviço dessa religião. Todos os esforços para estetizar a política culminam num só ponto: a guerra. A guerra, e só ela, permite fornecer um motivo para os maiores movimentos de massa, sem, assim, tocar-se no estatuto da propriedade. Eis como as coisas podem ser traduzidas em linguagem política. (BENJAMIN, 2013, p. 33).

Os estudos de Benjamin sobre messianismo, estetização já foram aqui citados como parte do percurso que esse trabalho propõe fazer. Mas há um outro conceito compartilhado entre Benjamin e Ernest Bloch que será utilizado e que aqui é descrito pelo historiador Rui Bragado Sousa no artigo “Estetização da política e politização da arte”: a estética do fascismo nas obras de Walter Benjamin (2015): a assincronia, para compreender como em diferentes grupos sociais o discurso da extrema-direita possui aderência.

São formas de consciência nas quais se mantêm elementos do pensamento pré-capitalista, pré-industrial, mesmo após esses pressupostos econômicos terem sido liquidados. Persistindo certo romantismo e aversão ao progresso. Trata-se de um pensador dialético que não estabelece simples relação de reflexo ou dependência da cultura (superestruturas) em relação à base econômica (infraestrutura). (SOUSA, 2015, p. 57).

Se à sua época Benjamin se propôs a compreender os impactos sofridos pela arte pelo processo de massificação produtiva imposto pelo capitalismo e como o avanço tecno-produtivo desse campo foi ferramenta para ascensão do fascismo, me parece tão necessário quanto nos debruçarmos hoje sobre os impactos da web e da internet sobre a sociedade e o seu papel na ascensão de uma extrema direita organizada em rede e expressa por meio de símbolos e de um campo semântico criados por ela HERMANSSON (2018).

Além do levantamento bibliográfico e análises sob a luz do materialismo histórico dialético e dos estudos sobre *alternative right* e fascismo, também serão objetos de estudo quatro peças audiovisuais do Bolsonarismo. Duas delas, feitas pelo próprio Jair Messias Bolsonaro em sua conta oficial na rede social Facebook. A primeira sob o título de *Live da semana com o Presidente Bolsonaro com participação do Ministro Paulo Guedes* que marca

a chegada do Brasil a 50.000 mortes por coronavírus; a segunda é o marco do número de 100.000 mortes, com a proposta de trazer "FATOS sobre a hidroxicloroquina, combate ao vírus" como trazido na própria descrição do vídeo na plataforma Facebook. Para uma visão mais completa de como se constroem as agendas bolsonaristas e como esse tem sido bem sucedido na aceitação social da morte como forma de política, esse trabalho também analisará dois vídeos de uma figura muito importante para a disseminação da ideologia bolsonarista: Allan dos Santos. Esse atua ativamente na propaganda das ações tomadas por Bolsonaro e acompanhou-o na produção de vídeos em formato de *lives*, produzindo vídeos para falar sobre as mortes por coronavírus no país. Os vídeos analisados serão respectivamente: *Por que não falar da cloroquina?* e *“Se o remédio funciona, de quem é a culpa?”*. Os vídeos parecem ter aberto o terreno, buscando avaliar na resposta do público a aceitação ou não do uso da Cloroquina. A análise se baseará tanto em elementos visuais trazidos pelo vídeo, quanto pela linguagem utilizada.

BENJAMIN, FASCISMO E ESTETIZAÇÃO DA POLÍTICA

Ao pretender organizar as massas, o fascismo não admitia que elas fizessem valer seus direitos, mas que apenas "se expressassem". O resultado disso tudo, diz Benjamin, é que o fascismo "tende naturalmente a uma estetização da vida política". (LENHARO, 1994, p. 36).

Uma Alemanha arrasada pela Primeira Guerra e baqueada pela Grande Depressão em 1929 - esse foi o palco da consolidação no poder de uma força política que vinha abrindo caminho no país há pelo menos mais de uma década. Usando a proletarização dos alemães a seu favor na construção do discurso anti-establishment, o fascismo alemão soube alinhar a despolitização e criação de um cenário de ultrapolítica à seu favor, usando a aliada Itália e seu fascismo liderado por Benito Mussolini como inspiração. Mais do que isso, como apontou Walter Benjamin - além de explorar as contradições em acirramento promovidas pelo sistema capitalista, ambos se fizeram valer do avanço da técnica e da produção em massa para ferver o caldo da legítima insatisfação popular que convergia com o anseio do fim da exploração social, para a estetização da política, como cita Lenharo em referência a Benjamin em *A Obra de Arte e sua Reprodutibilidade Técnica* e como explora Slavoj Žižek em *Sujeito Incômodo*.

A ideologia fascista “manipula” o anseio popular autêntico por uma comunidade verdadeira e uma solidariedade social contra a feroz competição

e exploração; é óbvio que ela “distorce” a expressão desse anseio a fim de legitimar a continuação das relações de dominação e exploração social. Para conseguir esse efeito, porém, ela deve incorporar o anseio popular autêntico. (ŽIŽEK, 2016, p. 277).

Para Benjamin, esse "anseio popular autêntico" foi emulado ou "incorporado" para muito além do campo semântico-linguístico - foi por meio do avanço da produção audiovisual, da possibilidade da reprodutibilidade técnica, muito representada pelo rádio e cinema que a massa pôde se ver em movimento e, assim, sentir-se protagonista de um processo que não verdadeiramente rompe com as amarras capitalistas.

A crescente proletarização do homem contemporâneo e a crescente formação de massas são duas faces da mesma medalha. O fascismo tenta organizar as massas recentemente proletarizadas, sem tocar nas relações de propriedade que estas pretendem eliminar. O fascismo vê a sua salvação no facto de permitir às massas que se exprimam mas, de modo nenhum, que exerçam os seus direitos. As massas têm direito de exigir uma alteração das relações de propriedade; o fascismo pretende dar-lhes expressão, conservando essas relações. Por conseguinte, o fascismo acaba por introduzir uma estetização na vida política. (BENJAMIN, 1992, p. 111).

Benjamin, se referindo às consequências do avanço da técnica sobre a arte, falou em uma demora de pelo menos 50 anos entre o início das mudanças técnicas e a visibilidade dos impactos da reprodutibilidade técnica na obra de arte. Pode-se dizer o mesmo sobre o avanço das contradições do capitalismo financeiro - foi um movimento que pouco a pouco, desencadeou na formação das grandes metrópoles, intensificou a individualização e o desamparo, como destaca Lenharo.

O capitalismo, como sistema, jogara os homens uns contra os outros, numa competição desenfreada onde só uma coisa podia contar: o lucro privado. Desenvolveram-se enormes metrópoles capitalistas, povoadas por multidões de indivíduos solitários, amedrontados, cheios de desconfiança. As condições técnicas da produção industrial aproximavam os seres humanos, socializavam a vida deles, mas as condições privadas, exacerbadamente competitivas, criadas pelo capitalismo para a apropriação da riqueza produzida afastavam-nos uns dos outros. Vítimas da tendência desagregadora que se fortalecia no interior da vida social, reduzidos a uma solidão angustiante, os indivíduos – reconhecendo sua fragilidade – ansiavam por se integrar em comunidades capazes de prolongá-los, de completá-los. (LENHARO, 1994, p. 44).

Outro ponto que ao longo da história dividiu estudiosos é sobre a adesão do poder econômico ao fascismo. Tanto na historiografia levantada por Alcir Lenharo, quanto por

Leandro Konder, há nítidas evidências de que o capital atuou junto com o fascismo italiano e alemão, sendo uma importante arma, inclusive, para a propaganda dos regimes. A esse respeito destaco a passagem de Konder em pesquisa nos arquivos do Tribunal de Nuremberg⁴.

Os autos do “Processo contra os principais criminosos de guerra perante o Tribunal Militar Internacional de Nuremberg (de 14 de novembro de 1945 a 1º de outubro de 1946)” estão cheios de depoimentos e documentos de vários tipos, que comprovam abundantemente a íntima vinculação do nazismo com o capital financeiro. No volume 35, à página 70, catalogado com o título de “Documento D-317”, encontra-se um texto em que o magnata Krupp explica que, quando Hitler desencadeou a guerra, “os empresários alemães empreenderam de todo coração a caminhada pelo novo curso; que eles, com a melhor disposição e conscientemente agradecidos, compreenderam e adotaram como suas as grandes intenções do Fuehrer, reafirmando-se como fiéis seguidores dele”. (KONDER, 2009, p. 50).

Sobre os aspectos identitários do fascismo, como citado por Konder, o fascismo foi um movimento "chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário", essas características deram ao fascismo contornos estéticos e identitários muito particulares. Acrescentando à descrição realizada por Konder, o fascismo é essencialmente patriarcal e masculinista; o fascismo é anti-intelectual e racista. A pulsão pela morte se realiza no culto às armas assim como também se expressa sua repressão sexual e falocentrismo. Assim descreveu Umberto Eco, em sua obra *Fascismo Eterno*: "Com o sexo também é um jogo difícil de jogar, o herói, Ur-Facista joga com as armas, que são seu Ersatz fálico: seus jogos de guerra se devem a uma *invidia penis* permanente". (2018). Eco, também descreveu o anti-intelectualismo fascista.

Da declaração atribuída a Goebbels ("Quando ouço falar e cultura, pego logo a pistola") ao uso frequente de expressões como "porcos intelectuais", "cabeças-ocas", "esnobes radicais", "As universidades estão cheias de comunistas". (ECO, 2018, p. 56).

A visão masculinista do fascismo era expressa publicamente, atribuindo à mulher, no fascismo alemão, por exemplo, a figura de reprodutora, guardiã da raça ariana e aquela cuja função era a constituição da família (LENHARO).

⁴ O Tribunal de Nuremberg foi o tribunal responsável por julgar os crimes nazistas após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Benjamin, inclusive, explora a questão em seus estudos, retomando a pesquisa de Bachofen, estudioso suíço que viveu no século XIX. Ele foi "ressuscitado" por membros do partido nazista, no entanto, esses excluíram suas considerações acerca da existência de uma sociedade matriarcal na Grécia Antiga que precindiu as sociedades patriarcais posteriores, uma sociedade em que "ordem familiar estabelecida da Antiguidade até os nossos dias, caracterizada pelo domínio do *pater familias*, terá sido precedida por uma outra em que toda a autoridade familiar era confia à mãe" (BENJAMIN).

Retomando Eco, para também adentrarmos um pouco mais detalhadamente sobre o chauvinismo no fascismo e anticomunismo, como base para a preparação reacionária, é importante destacar o caráter racista desse. No fascismo, a diferença é envolta pelo medo, medo como risco à existência de certos grupos. Esse mesmo racismo como ameaça tem retornado nos discursos daqueles que pregam contra imigrantes não-brancos e negros e mais para frente será destrinchado na análise da formação de uma nova extrema-direita fascista.

O Ur-Fascismo cresce e busca o consenso utilizando e exacerbando o natural medo da diferença. O primeiro apelo de um movimento fascista ou que está se tornando fascista é contra intrusos. O Ur-Fascismo é, portanto, racista por definição. (ECO, 2018, p. 56).

É esse mesmo ponto que nos leva ao que Lenharo descreveu como condições históricas especiais e criação de um ambiente reacionário. Hitler em sua primeira tentativa de ascensão ao poder, valeu-se da força em tentativa de golpe. Não vingou. Acabou preso e poucos anos depois. Foi olhando para a Itália que percebeu haver terreno fértil para uma construção mais profunda, de mobilização de massas e chegada ao poder com consenso social. Assim, foi construindo as condições necessárias, fazendo crescer o partido nazistas e seus impérios. Um dado marcante é a ideia do tradicionalismo, a vontade de um tempo passado, repleto de glórias que havia sido deturpado por aqueles que agora exerciam o poder; um traço marcante que o designa como anti-histórico.

O fascismo, dirá Horkheimer em 1943, é anti-histórico, exatamente pelo tipo de exaltação que faz ao passado; as leis eternas que o regem asseguram a imobilidade do mando dos poderosos. Quando os fascistas dizem "história", eles na verdade estão dizendo o contrário: mitologia (Ayçoberry, 1979, P.25). (LENHARO, 1994, p. 85).

Como Konder destacou, serviram-se de mitos irracionais com o intuito de manipulação social, como é o caso do ideal de uma raça pura, ariana. Que a subversão da Alemanha deu-se na figura dos judeus e dos comunistas, impuros.

Dessa forma, vai se desenhando a ultrapolítica, que não anda separada do processo de despolitização. A culpa do estado de contradição acirrada causado pela crise do capitalismo se desvia das relações de exploração social e da luta de classes para ir na conta dos "inimigos" em comum da nação: comunistas para Itália e Alemanha, judeus, principalmente para essa última. Aqui, ergue-se a ideia corporativista que e tecnocrata que rege o fascismo, aprofundando o cenário de despolitização, retirando os sentidos políticos dos conflitos.

É justamente falando sobre a tecnocracia-corporativista característica do fascismo que nos encaminhamos para a ideia de estetização da política de Benjamin. Vale aqui uma breve explanação a esse respeito. Žižek aponta uma contradição nessa formação estetizada de um mecanicismo corporativista-orgânico do fascismo, ao mesmo tempo em que esse se propõe a destruir as comunidades orgânicas nas esfera de micro-poder.

A contradição ideológica fundamental do fascismo é aquela entre o organicismo e o mecanicismo: a visão estetizada corporativista-orgânica do Corpo Social e a extrema “tecnologização”, mobilização, destruição e aniquilação dos últimos vestígios das comunidades “orgânicas” (famílias, universidades, tradições locais de autogestão) no nível das micropráticas reais do exercício do poder. (ŽIŽEK, 2016, p. 279).

A destruição das comunidades orgânicas no nível das micro práticas de política de autogestão, é isso que é, de fato, encerrar a politização e instaurar a estetização. Não se inseriu a massa no processo político e de práticas de poder para a transformação do real; Emula-se, por meio da técnica, os anseios da população sendo atendidos, pela sua imagem na tela, pelo poder do culto e dos rituais. E isso se deu de forma massiva pela primeira vez no contexto histórico do fascismo e pelo cinema.

LIMITES DA ANÁLISE BENJAMINIANA NA SOCIEDADE EM REDE

Para fugirmos dos anacronismos e nos pautarmos pelas lentes do materialismo histórico, vamos aqui apontar os limites e as confluências da análise de Benjamin para a sociedade organizada em rede em que estamos inseridos no século XXI. Para tanto, vamos

remontar o fim dos anos 1960. Os chamados países do "norte global" haviam conseguido se reestruturar do pós-guerra por meio do plano Marshall, liderado pelos Estados Unidos da América. Esse, passara a intensificar as maravilhas do mundo capitalistas e das liberdades individuais atreladas ao consumo e a um modo de vida próprio estadunidense, como o acúmulo de mercadorias e uma intensa fetichização de bens de consumo, para servir de contraponto a União Soviética na Guerra Fria. Mas esse estilo de vida já não se mostrava capaz de atender os anseios da população, principalmente, com o emergir dos movimentos de contracultura. Evgeny Morozov descreve esse descontentamento em *Big Tech: a ascensão dos dados e morte da política*.

Essa ideologia californiana, com ecos da New Age - vamos cultivar e liberar as nossas divindades interiores e comprar com mais critério! -, por fim encontrou muito apoio na comunidade contracultural americana, pois, na ausência de um movimento forte dos trabalhadores, trazia a promessa de um modo de vida bem melhor do que o intolerável tédio suburbano do compromisso fordista do pós-guerra. (MOROZOV, 2018, p. 17).

Essa ideia não veio sozinha - estava acompanhada do avanço algorítmico e sua nova forma de processamento e disseminação da informação. Vemos ressurgir um olhar positivista do progresso, sem criticidade e sem pesar o fato do "avanço" pelo lucro; o avanço que não se compromete com a transformação das condições reais de exploração, como ressaltou Morozov ao citar a crítica de Barry Schwartz. Schwartz previu o processo de monopolização pelo o qual passaríamos anos mais tarde. E que, como descrito como Konder, pode ser um fator importante para a ascensão de formas do fascismo, mas isso vamos nos ater um pouco mais à frente.

Benjamin, em seus estudos sobre o avanço da técnica, já havia ressaltado sobre os equívocos que alguns de seus contemporâneos cometiam ao culpar a técnica ou a máquina em si sem pensar sob a luz da criticidade os contextos econômicos e políticos que ali estavam estabelecidos para as consequências arrasadoras do seu avanço. É o que Morozov também faz para tratar da atualidade, retomando Deleuze em um trecho importantíssimo sobre os agenciamentos coletivos.

Já em 1990, Deleuze alertava sobre esse viés das ferramentas: A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não

explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte. (MOROZOV, 2018, p. 42).

Logo, vemos a crítica ao establishment reaparecer, criando as condições para novamente haver um processo de despolitização e de pós-política. Retomando a pós-política:

Na pós-política, o discurso se estabelece como novo por uma suposta superação das ideologias. A resposta para a crise e a erosão da confiança no sistema democrático liberal burguês, o único conhecido no Brasil até então, seria a gestão tecnocrata da economia e da política. (FERNANDES, 2018, p. 1804).

Quando Fernandes descreve a erosão do sistema democrático liberal burguês e como alternativa a gestão tecnocrata da economia e da política, é possível relacionar com a erosão que teve início com a crise do modelo fordista americano. Ali, como apontou Morozov, iniciou-se uma minagem das instituições que representavam a burocracia, o Estado, o atraso.

Para escapar à opressão, era preciso comprar a emancipação no próprio mercado - e havia pouca diferença entre uma opressão das corporações ou dos eventuais compromissos para com os concidadãos. A burocracia institucional era um alvo particularmente importante, um resquício das lutas anti-institucionais - visavam hospitais e escolas como estabelecimentos opressores - travadas na década de 1970 por pessoas como Ivan Illich, um aliado de Brand. (MOROZOV, 2018, p. 18).

Perto e longe da ideia de Benjamin, vemos florescer um novo processo de estetização da política, ou seja, uma nova forma de cooptar os anseios legítimos de um rompimento com a exploração social. Mas, se em Benjamin, tratava-se da evolução da técnica culminando na Era da Reprodutibilidade Técnica com expressão última no cinema, o que se desenhou no horizonte desta vez, com desdobramentos até hoje, foi a revolução algorítmica, que aprofundaria os processos de estetização sob a falsa pretensa da liberdade; o saldo que se tem agora não é o fim da propriedade ou da exploração social, pelo contrário, é a intensificação desses processos com o agravante da dominação do debate público nas mãos de corporações. Como destaca morozov, as Big Techs prometem ao cidadão - que deixa de ser cidadão e passa a ser consumidor -, a mobilidade social da qual anseia, sem mexer nas estruturas de exploração, tudo isso por meio de uma gestão "eficiente" transformando a sociedade numa

tecnocracia-corporativista, em detrimento à burocracia do Estado e do establishment.

No entanto, o argumento do Vale do Silício já não se restringe à retórica da rebelião contra os interesses consolidados - agora ele também faz apelo à mobilidade social que seria proporcionada pelo setor tecnológico às classes inferiores. A Uber afirma que ajuda os consumidores, que hoje podem pagar menos por seus deslocamentos. O Airbnb alega que ajuda seus usuários a obter um rendimento adicional e, com isso, enfrentar as turbulências da crise financeira. O Facebook afirma que pretende conectar os pobres da Índia e do Brasil à internet. (MOROZOV, 2018, p. 20).

Por mais que as Big Techs tentem se dissociar do establishment, os fatos depõem contra elas. Como, por exemplo, o fato de o tradicional banco Goldman Sachs ser o acionista-mor da Uber. Assim, voltamos a centralidade do debate para as forças produtivas que estão por trás das transformações sociais.

O que significa, na prática, pensar "fora da internet"? Bem, significa ir além dos contos de fadas inventados pelo complexo industrial-divulgador do Vale do Silício. Significa prestar atenção às minúcias econômicas e geopolíticas do funcionamento de tantas empresas de alta tecnologia que atualmente nos escapam. Por exemplo, seria bom saber que a Uber - grande defensora da mobilidade e da contestação às elites - é uma empresa de 72 bilhões de dólares parcialmente financiada pelo banco de investimentos Goldman Sachs. (MOROZOV, 2018, p. 23).

Como aqui já foi citado, Žižek pontuou as formas do fascismo de desmanchar os arremedos orgânicos de autogestão e coletividade. Tese também ressaltada por Benjamin ao citar os processos de estetização da política. O que vemos hoje é um aprofundamento maior dessas rupturas e de uma jornada cada vez mais individualizante impulsionada pela tecnologia.

Tais rupturas tecnológicas têm origem em todos os campos, menos na tecnologia. Elas são viabilizadas pelas crises políticas e econômicas que se abatem sobre nós, ao mesmo tempo que suas consequências afetam profundamente a forma como vivemos e nos relacionamos. É muito difícil preservar valores como solidariedade num ambiente tecnológico que prospera com base na personalização e em experiências únicas e individuais. (MOROZOV, 2018, p. 47).

ASCENSÃO DA *ALTERNATIVE RIGHT* NO BRASIL

Para tratar do avanço da *alternative right* no Brasil ou direita alternativa, primeiramente precisamos compreender as origens dessa nova expressão da extrema-direita no mundo. Vamos aqui colocar a definição para a *alternative right* usada por Patrik Hermansson no livro *The International Alt-Right: Fascism for the 21st?* que vai pintando o movimento como uma expressão do fascismo para o século XXI. A datagem da *alternative right* é imprecisa, mas podemos estabelecer algo entre o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, mesmo período do florescimento de blogs, websites e fóruns de discussão em rede. É importante destacar que não se trata de um bloco homogêneo. Para Hermansson, para se enquadrar sob o manto de direita alternativa o movimento em questão precisa se organizar por meio da internet, com objetivo de realizar desdobramentos fora dela. É interessante notar que dentro do grupo dessa nova expressão da extrema direita existem diferentes correntes com propósitos diversos. Os pesquisadores da bibliografia em questão destacam, por exemplo, como o movimento abarca desde agnósticos com os mesmos anseios supremacistas, até a representantes de *Big Techs* como o co-fundador do PayPal, Peter Thiel com interesses muito específicos relacionados a sua visão de mercado, como sua opinião de que “ele “não acredita mais que a liberdade e a democracia são compatíveis” com base no fato de que esta põe em perigo a primeira”. (HERMANSSON).

Apesar disso, a direita alternativa é, sem dúvidas, um dos pontos-chave para o avanço do neofascismo ao redor do mundo, incluindo Donald Trump e Bolsonaro. A direita alternativa é, inicialmente, estadunidense. Ela nasce com inspiração no *European New Right* (Nova Direita Europeia). Movimentos como o GRECE, surgiram como uma resposta ao levante de contracultura que marcou o fim dos anos 1960 e seus ideais vão ao encontro dos anseios de grupos que estavam começando a lidar com os efeitos da globalização em diferentes esferas. A globalização marca um período em que para muitos pensadores e, para a própria agenda global, o capitalismo teria sido capaz de realizar todas as “sínteses”; o capitalismo teria, enfim, marcado o “fim da história” (Fukuyama).

Em verdade, o que se vê é um acirramento das relações de poder na sociedade, marcado por profundas crises não apenas econômicas, mas também culturais, dado os movimentos intensos de migração pelo mundo forçados pelo achatamento das economias do sul global e com a promessa de uma nova vida nos países do norte.

Por isto, o conflito étnico-cultural atual tem certa esquizofrenia em termos de leitura. Para as classes hegemônicas, a presença do imigrante desorganiza a sociedade local, acirra a disputa por vaga no mercado de trabalho e põe em risco uma pretensa “estabilidade” social. (OLIVEIRA, 2009, p. 8).

Assim, ao invés de promover uma tentativa de mudança real na exploração social da classe trabalhadora do norte global, agentes políticos passam a movimentar o jogo para um inimigo inventado que ameaça a identidade masculina, ocidental, simbolizada pelas forças políticas que promovem a globalização - a grosso modo, liberais -, imigrantes, a comunidade LGBTQ+, feministas, todos aqueles que colocam em xeque o lugar do homem, branco, tradicionalista. Também é possível desse modo compreender o porquê do renascimento do chauvinismo - o intenso fluxo migratório no mundo ameaça a ideia de uma nação homogênea, única, com suas raízes bem delimitadas e perpetuando um tradicionalismo. Destaca Hermansson que algumas figuras proeminentes da *alternative right* como Jared Taylor, um supremacista branco editor de uma revista criada por ele e intitulada *American Renaissance* (Renascimento Americano) conclamam um certo “mito perigoso” da igualdade “em que, na prática, significa oposição aos direitos das mulheres, LGBTQ+, étnicos, minorias religiosas”. (HERMANSSON).

A conclamação de inimigos comuns que colocam em risco o destino de uma nação superior em um contexto de crise do capitalismo não soa estranho aos ouvidos. E não para por aí: postulações sobre o papel da mulher na sociedade, sendo ela a guardiã do modelo de família tradicional; o saudosismo de um passado tradicionalista e a exaltação da civilização greco-romana. Tudo isso está abarcado na *alternative right* e também estava no fascismo e no fascismo alemão do século passado. Tratando do papel da mulher para os membros da *alternative right* “os papéis tradicionais de gênero colocam o homem como o chefe e o protetor da família, com mulheres exercendo o papel de reprodutora e por extensão ela lógica coloca homens como “protetores” da população” (HERMANSSON).

Já sobre o culto a civilização greco-romana, se expressa, principalmente, na estética da direita alternativa “A alt-right comumente incorpora padrões da arte e da arquitetura greco-romana em sua propaganda tentando dar ao movimento um ar de sofisticação e “alta cultura” (HERMANSSON), enquanto o fascismo alemão busca nessa civilização algo para se inspirar na formação da civilização que emergia na Alemanha nazista: “Jahn recomendara a seleção de uma raça vigorosa e pura, o banimento do uso de línguas estrangeiras e a inspiração no ideal grego de cultura e civilização”. (LENHARO).

A sua forma de atuação em rede primeiramente se concentrou em websites, blogs e fóruns de discussão e hoje também se espalhou pelo *Youtube* e redes sociais como *Facebook* e *Twitter*. Fóruns como *4chan*, nome conhecido para quem pesquisa a formação de grupos masculinistas⁵ na web, se tornaram quase arenas livres de seu descontentamento com o mundo e locais onde destilavam sua forma mais radicalizada. Inclusive, mais à frente, tendo se realocado na *deep web*, para evitar as constantes sanções e denúncias que esses grupos recebiam. Uma das principais características da forma de atuação da *alternative right* é a cultural *troll*. Hermansson destaca que essa é uma subcultura datada dos anos 1980, mas que transpôs barreiras e passou a ser um comportamento recorrente na web.

Troll, como um comportamento, é datado dos anos 1980. Mas é uma subcultura de indivíduos anti-progressistas que se identificam como trolls e emergiu, primeiramente, pelo *4chan.org* um fórum dos anos 2000 e especialmente no *4chan.org/pol/* um subfórum fundado em 2011 que se tornou uma importante formação para o que é agora conhecido como a *Alternative Right* (HERMANSSON, 2018, p. 123).

A cultura *troll* é, inclusive, um importante ponto de diferenciação entre o uso da internet pela direita tradicional da *alternative right*. Foi pela cultura *troll* que a direita alternativa chegou aos jovens e ganhou força de audiência. Surfando na onda do “politicamente incorreto” com suas táticas de vexame público contra figuras encaradas como inimigas do movimento. Sendo o *troll* o ato de “ser deliberadamente ofensivo e provocativo online com o objetivo de provocar uma reação hostil, negativa” (HERMANSSON). Apesar do *4chan* ser o berço dessa cultura, algumas redes sociais como o *Twitter* se mostraram um terreno fértil para o desenvolvimento desse tipo de atuação, pela possibilidade da criação de contas *fakes* e anônimas apenas para atacar adversários políticos, por exemplo.

A cultura *troll* cria um campo semântico próprio à direita alternativa. Claro, ao longo da história, já presenciamos debates fervorosos entre adversários políticos. Ofensas, argumentos *ad hominem* para se rebater um opositor. No entanto é de extrema importância destacar que essa é uma tática sistemática da direita alternativa, sobretudo, para legitimar os seus ideais masculinistas e de retorno a um passado tradicionalista, ilusório. É por meio de sua retórica agressiva que ele constrói suas fronteiras e tenta criar sua própria cultura. Esse é um objetivo expressado claramente pelo grupo, em que, alguns pensadores com status de

⁵ Grupos masculinistas são grupos organizados em rede que pregam a misoginia. Também reconhecidos como “Incels” ou Celibatários Involuntários, em português, culpabilizam as mulheres por seu celibato e pregam o ódio a elas.

“guru” dizem ter estudado os estudos de Gramsci sobre metapolítica (HERMANSSON) e que tentam colocar em prática, mas para favorecer o lado oposto do que defendia o teórico marxista.

No que diz respeito ao financiamento, a internet, confortavelmente, foi a “galinha dos ovos de ouro” para a organização política da *alternative right*. Usando dos próprios recursos de monetização de plataformas como Google e YouTube e os sites de financiamento coletivo, essa expressão neofascista possibilitou formas de disseminação da sua plataforma ao mesmo tempo que era remunerada por isso. “O YouTube deve ser visto como uma plataforma de financiamento e de divulgação, pois permite que seus criadores recebam uma parte da receita de publicidade, além de permitir que os espectadores doem dinheiro” (HERMANSSON). Não é à toa que nos últimos tempos plataformas como o *Sleep Giants*⁶ tenham surgido de modo a tentar coibir empresas de colocarem anúncios em plataformas de extrema direita. Apesar da mobilização que vem acontecendo nos últimos anos, há ainda uma ideia despolitizadora sobre a rede e sua plataforma que naturalmente favorece esses grupos, uma ideia, que como descreveu Morozov foca o debate na esfera do avanço tecnológico e suas implicações e não no capital por trás disso.

O que interessa é o motivo por que temos de levantar questões tão importantes em função da "internet" - como se esta se tratasse de uma entidade que paira inteiramente separada do funcionamento da geopolítica e do atual capitalismo totalmente financeiro. Enquanto não conseguirmos pensar fora da "internet", jamais conseguiremos fazer um balanço justo e preciso das tecnologias digitais à disposição. (MOROZOV, 2018, p. 22).

Mas pensar sobre esses processos é também observá-los sob a ótica da aldeia global: esses pensamentos fora do Brasil nos influenciaram por aqui. Hermansson trouxe em sua pesquisa um estudo que evidenciava a presença significativa de postagens de membros de outros países no *Achan*. E não apenas no “submundo” dos fóruns é possível ver essa cultura emergir no Brasil. O bolsonarismo, soube muito bem explorar a cultura troll dentro e fora da internet. As primeiras aparições virais de Bolsonaro foram de eventos que aconteceram no *off-line*, mas que rapidamente explodiram na web.

Outro dado importante que reforça a atuação desses fóruns também no Brasil é de uma notícia que dá conta do que a figura de Jair Bolsonaro representa para movimentos neonazistas brasileiros. O primeiro data de 2011 - uma reportagem veiculada pelo portal UOL

⁶ *Sleep Giants* é um movimento internacional que busca denunciar para marcas e promover pressão pública para que elas retirem anúncios de páginas com *fake news* e discurso de ódio.

de notícias intitulada *Neonazistas ajudam a convocar "ato cívico" pró-Bolsonaro em São Paulo* descreve como grupos neonazi se organizaram por meio da plataforma Orkut e de fóruns reconhecidos pela atuação da *alternative right* como *Stormfront.org* administrado pelo grupo White Pride World Wide.

O que vimos na última década no Brasil foi um acirramento e um crescimento dessa cultura e do avanço da extrema-direita. São inegáveis os desdobramentos sobre os espectros políticos brasileiros pós Lava Jato e Impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Como descreveu Fernandes, há um conjunto de condições materiais para que essa extrema-direita se consolida-se no poder.

Isso se caracteriza na construção de um inimigo a partir de lastros das contradições da esquerda (do PT, ao vanguardismo no Brasil e até mesmo as experiências de cunho socialista mundo afora), somada a afetos negativos (ódio, medo e desprezo) e a simbologias autoritárias para polarizar anticomunismo contra uma esquerda nem um pouco comunista (mas que consequentemente contribui para mais um golpe contra as utopias daquela esquerda comunista minoritária no Brasil). (FERNANDES, 2019, p. 1826).

A crise do capitalismo especulativo financeiro não apenas se abateu no norte global: latente, teve desdobramentos também nos países do sul global o que se somou a erros econômicos cometidos pelos governos petistas, como defende a economista e pesquisadora Laura Carvalho no livro *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. Carvalho ainda destaca uma questão muito importante relativa à crise de 2008 nos Estados Unidos da América que, de certa maneira, fazendo-se recortes necessários, pode se aplicar ao Brasil. Para os estadunidenses, foi muito significativo o fato de ver aportes financeiros gigantescos dados pelo governo estadunidenses à empresas à beira da falência, enquanto os cidadãos comuns, também falidos, expropriados de suas casas, sem condições de receber atendimento digno na saúde, amargavam com as condições do neoliberalismo na vida cotidiana.

A crise de 2008 certamente deu força ao fenômeno. Em parte pela elevação do desemprego, mas sobretudo pelo caráter simbólico do vultoso programa de resgate que salvou da quebra os principais atores do sistema financeiro, sem que houvesse punição severa para os responsáveis pelo colapso. Apesar da necessidade concreta de conter o caos, o que grande parte da população norte-americana enxergou foi uma conspiração das elites para salvar alguns dos seus membros, que rapidamente voltaram a receber altos bônus de final de ano, enquanto a classe trabalhadora ainda sofria com a perda de empregos e a queda no valor de suas casas. (CARVALHO, 2018, p. 192).

Como já trazido aqui, as elites a que Carvalho se refere, para os membros da *alternative right* ou dos compactadores de seus ideais, são as elites liberais. De alguma forma, podemos compreender uma revolta parecida no Brasil: as classes médias percebem seu achatamento econômica, a piora nas condições de vida, mais à frente seguida pelas camadas mais pobres da sociedade brasileira, com guinada neoliberal da economia nacional iniciada pela ex-presidenta Dilma Rousseff passam a expressar seu descontentamento com a conjuntura política. Mas logo seu legítimo anseio de mudança no sistema de exploração social é cooptado pela direita tradicional e passa por um intenso processo de despolitização e o início do fenômeno da ultrapolítica. Com a Lava Jato, a discussão não se dá em um nível de diminuição de desigualdades, mas sim com debates intensos e genéricos sobre corrupção. Um prato cheio para a ação da extrema-direita que pegou para si esses anseios de fim da exploração de classes e estetizou. Um processo que se inicia nas camisas verdes e amarelas a desfilar pela Avenida Paulista, transmitidas à exaustão por *lives*, imagens virais do povo na rua que estetiza a esfera política ao invés de mudá-la e culmina em carreatas de pulsão de morte, na mesma avenida, pedindo o fim do isolamento social em meio a uma pandemia letal que já levou milhões de vidas ao redor do mundo. Citando Benjamin (2012): “todos os esforços para estetizar a política culminam num só ponto: a guerra. A guerra, e só ela, permite fornecer um motivo para os maiores movimentos de massa, sem, assim, tocar-se no estatuto da propriedade. Eis como as coisas podem ser traduzidas em linguagem política”.

ANÁLISE DOS OBJETOS

Chegamos, assim, para a análise dos objetos. Como exposto na introdução, quatro vídeos serão analisados no total. Dois deles feitos e veiculados pelo presidente Jair Bolsonaro em suas redes sociais como forma de comunicação oficial de seu mandato com a população: o primeiro é *Live da semana com o Presidente Bolsonaro com participação do Ministro Paulo Guedes*; seguido de *FATOS sobre a hidroxicloroquina, combate ao vírus*. E outros dois que fazem parte da atuação de um autointitulado grupo de mídia independente “Terça Livre” encabeçado pela figura de Allan dos Santos, que vem operando como um braço importante do bolsonarismo no país: *Por Que Não Falar Da Cloroquina?* e *Se O Remédio Funciona, De Quem É A Culpa?*.

Como consta em seu website oficial, o Terça Livre teve início em 2014, em meio efervescência dos protestos anti-corrupção e antipetistas no Brasil. Assim se descrevem: “do reconhecimento cada vez maior da relevância intelectual do professor Olavo de Carvalho e

outros gigantes do passado brasileiro à consciência da impostura intelectual e moral representada pela grande mídia e pelos círculos acadêmicos brasileiros”. Pontos importantes da autodenominação do Terça Livre serão expostos mais à frente nas falas e no cenário dos vídeos que aqui serão analisados.

“Por que não falar da Cloroquina?”

“Por que não falar da Cloroquina?” aconteceu em um contexto em que chegávamos a mais de 11 mil mortes pelo novo coronavírus com um total 349 para aquele dia no Brasil. Mesmo com um crescimento exponencial de mortes, o presidente Jair Bolsonaro incluiu nessa data, barbeiros, salões de beleza, e academia como ‘serviços essenciais’ ou seja, passíveis de abertura e funcionamento. É importante ressaltar também que neste momento o ministério da saúde já havia trocado de comando, por decisão do presidente, de Luiz Henrique Mandetta para Nelson Teich. Numa reportagem divulgada pela BBC Brasil sob o título de: *Mandetta é demitido do Ministério da Saúde após um mês de conflito com Bolsonaro*, o repórter André Shalders aponta alguns dos motivos para a demissão de Mandetta em abril foi sobre o desacordo no uso de cloroquina para tratar covid-19.

A defesa do uso da hidroxicloroquina no combate ao novo coronavírus é um ponto-chave para compreendermos a ação conjunta da extrema-direita internacional. Em uma outra reportagem, divulgada também pela BBC, *Lançada por Trump e propagandeada por Bolsonaro, hidroxicloroquina está vetada em hospitais nos EUA*, a repórter Mariana Sanches remonta uma linha do tempo da defesa do medicamento. Quem despontou na dianteira foi Donald Trump em 21 março, ao defender o uso de hidroxicloroquina combinada com azitromicina no combate ao vírus em seu Twitter. Oito dias depois foi a vez de Bolsonaro divulgar vídeo defendendo o uso da hidroxicloroquina.

A hidroxicloroquina foi amplamente testada no combate ao novo coronavírus e seguidamente descartada como medicação efetiva no tratamento da doença⁷, seja sozinha ou combinada com azitromicina. Pelos muitos resultados negativos em relação ao uso da droga, a OMS descartou seu uso no tratamento da doença.

⁷ Um dos muitos estudos realizados com a droga foi publicado no jornal científico *Clinical Microbiology and Infection*, ele analisou 29 estudos sobre o uso de hidroxicloroquina no tratamento de Covid-19 com combinação ou não de azitromicina. Esse estudo analisou tanto testes randômicos, como de grupo controle e observacionais que é um tipo de estudo que será criticado, sem argumentos concretos, por Allan dos Santos em seu vídeo. No total foram avaliados os dados de mais de 32 mil pacientes com grupos que usaram apenas cloroquina, outros que receberam uma combinação do medicamento com azitromicina e os que receberam placebo. O que se constatou foi que a azitromicina combinada com a hidroxicloroquina podem aumentar a mortalidade dos pacientes em 27%.

Do cenário do vídeo

O vídeo se inicia com Allan dos Santos em um cenário revelador. Ao fundo dele, é possível observar uma sequência de quadros com figuras desde a família imperial brasileira até Olavo de Carvalho. Aparecem em quadros, respectivamente: Dom Pedro II, José Bonifácio de Andrada, Princesa Isabel, Joaquim Nabuco e Olavo de Carvalho.

Há no movimento de extrema-direita brasileira uma retomada do apreço pela monarquia, pintando o império como um momento de avanço e poderio brasileiro. Este é o “passado mítico” à brasileira do neofascismo aqui instaurado. Além do quadro de Dom Pedro II, há também um busto que é comercializado numa loja online do canal Terça Livre.

Figuras como Joaquim Nabuco e José Bonifácio de Andrada nos dão pistas sobre por quais caminhos se alicerça parte da extrema-direita brasileira. Nos estudos de Hermansson, evidenciou-se uma bifurcação na *alternative right* mundial entre aqueles que defendiam a superioridade de raças e um etnoestado e uma outra parcela que estava mais ligada aos valores ocidentais e eurocêntricos.

É necessário subdividir a direita alternativa e duas correntes diferentes: a “alt-right” e a “alt-lite”. Enquanto as duas rejeitam a democracia liberal e movimentos afiliados, e estão preocupados com as mesmas questões - a esquerda, a globalização, o gênero, o ocidente, eles veem essas questões por lentes diferentes. Enquanto os dois veem de forma crítica a questão da igualdade do consenso liberal a principal preocupação da alt-right é a suposta ameaça para a existência de pessoas brancas e assim eles advogam pela proteção da “raça”, frequentemente pela criação de etnoestados. Assim, a raça é a base de sua visão de mundo. [...] em contraste, a alt-lite persegue o consenso liberal como uma ameaça para a cultura ocidental e se coloca à favor de um ocidental nacionalismo chauvinista. (HERMANSSON, 2018, p. 2).

Por que trazer esse ponto? Joaquim Nabuco e José Bonifácio foram ambos abolicionistas e tornaram essa causa uma bandeira ativa de suas atuações políticas, esse último, inclusive, apresentou ideias radicais, num sentido de tratar o problema pela raiz, como a ideia de distribuição de terra para negros, o que sabemos ser uma questão crucial ainda hoje para a negros e negras no Brasil. No entanto, Joaquim Nabuco e Bonifácio eram monarquistas convictos. O que reforça, acompanhados de outras figuras da Monarquia, essa ideia de uma cultura ocidental eurocêntrica, dada a origem da família imperial do Brasil e o mito de uma

nação “forte” e unida pela monarquia. Um período de grandes guerras pela “pátria” Brasil. O mesmo mito fundador usado por Mussolini no fascismo italiano, como aponta Konder.

Mussolini percebeu logo no começo da guerra de 1914-1918 qual poderia ser esse valor supremo, esse mito: a pátria. Ele próprio o diz, com sua franqueza habitual: “Criamos o nosso mito. O mito é uma fê, é uma paixão. Não é preciso que seja uma realidade. [...] O nosso mito é a nação, o nosso mito é a grandeza da nação! (KONDER, 2009, p. 35-36).

A ideia da pátria também serve à narrativa do inimigo comum que coloca a existência da nação em perigo. Enquanto na Itália de Mussolini a nação era proletária e explorada por poderosos estrangeiros (KONDER), no Brasil de Bolsonaro a nação cristã é explorada pelos "comunistas" e pelo *establishment* representados pelo “centrão” e liberais que embarcam nas pautas de gênero, sexualidade e raça. O inimigo não está fora, mas dentro, infiltrado, nas escolas na figura do professor, nas emissoras de TV que seguem a agenda do establishment da direita tradicional.

Chama também a atenção a presença de uma pelúcia de lagosta entre os livros de Allan. A lagosta ali colocada pode ser tanto uma tática de “pegadinha” ou *trollagem* muito utilizada pela *alternative right* para pregar peças na imprensa e ganhar destaque como a ideia ao entorno do copo de leite e sua ligação com supremacistas brancos e uso que esse movimento faz desse símbolo ou não. O fato é que judeus não são permitidos de se alimentar de lagostas segundo a Torá por se tratar de um animal “impuro”. O reforço à uma visão negativa da lagosta se segue com a lagosta aparecendo vestida de toga; e Allan fazendo referência ao STF (Supremo Tribunal Federal), ao mostrar a pelúcia nas mãos e dizer: "tudo o que eles queriam fazer comigo e não conseguem. Um beijão para o STF".

Allan aparece vestido formalmente, com camisa social azul e paletó. Nos estudos de Hermansson sobre a *alt-right* a vestimenta de seus seguidores também ganhou destaque. Nos Estados Unidos, o movimento não queria ser associado ao estereótipos dos “*rednecks*”, pescoços vermelhos em português, figuras tradicionais da extrema direita estadunidense, que são ligados a ideia de baixa escolaridade. Dessa forma, adotaram a camisa polo e o traje social como uma forma de ganhar credibilidade (HERMANSSON).

Pulsão de morte e *fake news*

Para a *live*, Allan não está sozinho, ele aparece acompanhado Italo Lorezon e José

Carlos Sepulveda. Todos adotam uma retórica agressiva e de deboche sobre o objeto de análise da live: uma matéria divulgada pelo jornal O Globo. Antes irem ao foco principal, Allan e seus convidados vão nos dando pistas do discurso anticomunista e da “ameaça” que ronda o país. Primeiro comentam sobre um caso de corrupção no estado de Santa Catarina envolvendo a compra de respiradores chineses. Depois Allan dos Santos remonta o passado de Aloysio Nunes na luta armada contra a ditadura de 1964: "Aloysio Nunes, codinome dele era Matheus, era motorista do Marighella. Marighella que era gente boa para caramba, treinava os outros para sair matando em nome da democracia", diz por volta dos oito minutos de *live*. Esse trecho nos revela as costuras realizadas pelos movimentos de extrema-direita em associar um pseudo poderio da esquerda em regimes liberais e no establishment, dado que Aloysio Nunes acabou passando por uma transição política ao longo de sua vida atualmente atua numa ala mais ligada a uma centro direita no Brasil.

A *live* vai nos deixando claras algumas evidências: programas e figuras como a de Allan do Santos vêm com um discurso mais agressivo, explícito, com o propósito de inflamar a base bolsonarista e acirrar contradições. Muitas vezes se fazendo valer de mentiras e malabarismos retóricos. Por exemplo a fala de Italo Lorezon, aos 23 minutos, "a nossa sorte é que não é nada pior do que uma gripe, porque se fosse pior do que uma gripe, estávamos fodidos com esses governadores". Prossegue: "os caras só conseguem fazer medidas que pioraram a situação do povo. [...] Na semana passada eu estava falando, tenho uma boa e uma má notícia. A má notícia é que estamos no pior cenário possível e a boa notícia é que não vai ficar pior do que isso". A ideia de ser apenas uma gripe parte primeiramente de algumas autoridades de saúde quando o novo coronavírus ainda não havia ganhado status de pandemia e estava-se descobrindo os reais efeitos do vírus. Usando a lógica de construção de uma *fake news*, com o avanço da doença e sua grande demonstração de potencial letal, figuras como a de Bolsonaro e sua base passaram a classificar o coronavírus como uma “gripezinha”.

Aprofundando na matéria do O Globo, Allan dos Santos passa a lê-la categorizando-a como “propaganda política”: "Leiam Comigo: 'Maior estudo já feito com hidroxiclороquina mostra que a droga não traz benefício no tratamento de covid". Para aí. O que que é maior estudo? O que é maior estudo? Vamos começar por aí. O que é o maior estudo já feito? Como você mensura isso. Max quero você comentando isso, porque é incrível como é de cunho político essa matéria. É incrível. No quarto parágrafo ela já vira uma propaganda política". Ao que um outro participante da *live*, chamado Max, que está por trás das câmeras emenda: "Se é o maior tem que ter todos os estudos com a hidroxiclороquina já feitos desde que começou a fazer, todos os cientistas no mundo para poder afirmar isso, no

mínimo”. No texto da reportagem fica evidente que, até aquele momento, se tratava de maior estudo pelo número de participantes que faziam parte da amostra da análise. Ao que se segue um diálogo que tenta estabelecer paralelos entre um suposto estudo mencionado pelo grupo correlacionando tratamento de SarsCovid-1, e divulgado em 2005, com o novo coronavírus. E defendendo o uso conjunto entre hidroxiclороquina e azitromicina e, como aqui já citado, potencializa as mortes pelo novo coronavírus.

Allan: E lá mostrando a eficiência da hidroxiclороquina no caso do SaRs que também Sarscovi-1 em 2002/03, aí aqui diz que essa suposição que a cloroquina e hidroxiclороquina com ou sem combinação com azitromicina teriam ação terapêutica com a contra a Covid é baseada, aí olha isso, principalmente em relato de médicos. E até agora não teve comprovação por qualquer, qualquer estudo capaz de sobreviver à revisão por pares.

Ainda assim, aí começa, essas drogas tiveram a suposta ação anti-covid-19 defendida publicamente pelos presidentes do Brasil, Jair Bolsonaro, e dos EUA, Donald Trump. Essas drogas não são uma panaceia contra o coronavírus, alertou a NEJM.

Max: Era aí que eles queriam chegar

Allan: Era aí que eles queriam chegar na matéria. O novo estudo foi realizado com 1.376 paciente com Covid. É o maior estudo, não, vamos lá, 7.7 bilhões, 10 mil óbitos no Brasil, no mundo...

Max: 200 e alguma coisa.

Allan: 200 mil. E infectados? Número de infectados?

Max: Não vou lembrar mas acho que está na casa dos milhões.

Allan: E aí eles fizeram um estudo com 1.376 pacientes e disseram que é o maior estudo, O MAIOR ESTUDO.

Max: O detalhe é que o doutor Zelenco que fez uma entrevista para gente lá na revista terça-livre, que o pessoal que é assinante pode conferir, ele disse que a terapia consta de 3 medicamentos. Ou seja, não é só a hidroxiclороquina e a azitromicina, tem que ter zinco também, se não ela não é tão eficaz assim.

Em outro momento, Allan dos Santos se refere à CPI das *Fake News*, uma apuração realizada para investigar a sistemática divulgação e produção de notícias falsas no país. Sobre isso, Allan explana na *live*:

Essa é a turminha que quer falar para vocês que eu, Allan dos Santos Livre, menti na CPI das Fake News. Essa é a turma que quer falar que a gente vive de dinheiro do Estado. R\$4,58 que não é do Estado, é do Google por anúncios que nós não podemos sequer escolher quem que vai colocar o

vídeo. Qualquer pessoa que está nos assistindo agora, pode fazer um anúncio no *adsense* e falar "eu quero colocar no vídeo dessa característica aqui. (informação verbal)

O que Allan não menciona é que as *fake news* são um negócio lucrativo e favorecido pelo modelo de remuneração de redes como Google, YouTube e Facebook. Morozov descreve:

O problema não são as *fake news*, e sim a velocidade e a facilidade de sua disseminação, e isso acontece principalmente porque o capitalismo digital de hoje faz com que seja altamente rentável - veja o Google e o Facebook - produzir e compartilhar narrativas falsas que atraem cliques. (MOROZOV, 2018, p. 184).

Entre a agressividade e o *trolling*

É chegado um momento na *live* em que Allan dos Santos passa a atacar diretamente a figura da jornalista responsável por escrever a matéria. Abrindo aspas para Allan: “isso é o que eles chamam de grande mídia e de informação segura. Eu tô até achando que a New England nem sequer deve ter escrito alguma coisa parecida do que eles falaram e o estagiário falou: 'agora eu vou fuder o Jair e o Trump'. Deixa eu ver o nome do infeliz... Da infeliz: Ana Lucia Azevedo, Ana Lucia, você é uma analfabeta. Porque eu não tô acreditando que a New England falou um negócio desses. A minha primeira impressão, Ana Lucia, espero estar equivocado, é que você é uma imbecil completa, no mínimo, para não dizer canalha. Eu estou pedindo a Deus que seu problema seja burrice. Porque esse artigo está brincando com vidas vidas”. Esse é um exemplo nítido de “*trolling*”, como aqui já foi descrito, e ataques fomentando tanto a base de seguidores do Terça Livre para ataquem a jornalista, quanto ele próprio, em pessoa, realizando uma série de ataques pessoais à figura dela.

O Anti-intelectualismo

O diálogo segue para o ataque à “academia” e aos médicos pesquisadores.

Allan diz: Porque cientista nunca foi glorioso, porque ele estava inserido dentro da academia. Nenhum, todo grande cientista precisou sair, se afastar, e aí ele traz uma novidade. Quer ver uma coisa interessante? Max, como o Newton conseguiu fazer o telescópio? Como o Newton conseguiu fazer o telescópio dele? Antes era aquele monte de lente né? (informação verbal)

Max diz: Na verdade são duas histórias a questão do telescópio mesmo ele descobriu isso, não sei os estudos normais, ele era um cara muito antissocial, ele não era um cara de festa, as pessoas nem gostavam da aula dele inclusive, porque ninguém conseguia entender o que ele falava, mas o que ele conseguiu fazer num isolamento de sete dias foram as Leis de Newton, as famosas três leis de newton foi um retiro que ele ficou, um mês na fazenda. Como ele era muito mal professor, como ele ia ser aceito na cadeira locana de Oxford? Porque ele precisava de dinheiro, ele não trabalhava, ele só vivia de estudo e aí que ele queria a cadeira locana não porque ele queria ser um professor, ele queria um soldo. (informação verbal)

Esse trecho nos evidencia como também na expressão do neofascismo brasileiro está arraigada um profundo anti-intelectualismo. A contraposição entre trabalho apenas como forma de produção e recebimento de um bem simbólico e o estudo não visto como trabalho; Esqueceram de mencionar que foi durante um isolamento social em uma fazenda por conta da peste bubônica que Newton avançou mais profundamente nas suas descobertas e estudos⁸.

Em dado momento, a agenda econômica neoliberal é destacada na figura de Bolsonaro, um lembrete que o avanço da extrema-direita não se dá sem também uma agenda econômica clara e apoiada por outras figuras. “O Bolsonaro quis diminuir mais ainda o número de ministérios e foi impedido pelo Congresso. [...] e foi o presidente que mais diminuiu a máquina pública”. (DOS SANTOS).

“Live da semana: participação do Ministro Paulo Guedes”

A *live* semanal de Bolsonaro em suas redes sociais carregou um marco diferente: 55 mil mortes pelo coronavírus no Brasil. No cenário, Paulo Guedes, ministro da Economia, de terno e gravata, aparece sentado à uma mesa com Bolsonaro e uma intérprete de libras, ao fundo, um sanfoneiro sentado - trata-se Gilson Machado Neto, presidente da Embratur. Eles parecem estar em uma sala do Palácio do Planalto. Na mesa, diversos papéis e pastas espalhadas. Em contraposição à Gilson e a Paulo Guedes, Bolsonaro surge no vídeo com um traje simples: uma jaqueta esportiva e uma camiseta azul. A tentativa de transparecer simplicidade não é algo novo a Bolsonaro, tampouco a outras figuras de extrema-direita. O populismo se apresenta como um dos desdobramentos da ascensão da extrema-direita, embora não seja apenas isso. No fascismo Alemão, como descreve Lenharo, comunicação “simples”

⁸ Série “Biografias” do Grupo de História, Teoria e Ensino de Ciências - GHTEC Universidade de São Paulo, USP.

deveria ser o foco principal: “Hitler considerava que a propaganda sempre deveria ser popular, dirigida às massas, desenvolvida de modo a levar em conta um nível de compreensão dos mais baixos” (1994).

Ao fazer a introdução de Paulo Guedes, Bolsonaro destaca o uso de um termo que ficou famoso nas eleições de 2018 ao se referir à Paulo Guedes: “à minha direita o Paulo Guedes, ministro da Economia, que às vezes chamo de “posto Ipiranga”. Algum problema, Paulo?”. Por vezes em campanha e já em exercício de poder a imprensa e outras setores da sociedade descrevem Paulo Guedes e outras figuras que aceitaram fazer parte do governo como “alas não ideológicas”. Essa nomenclatura é sintomática de uma dissociação entre a normalização da direita tradicional e de agentes econômicos da agenda neofascista de Bolsonaro. Sem uma, a outra não se realizaria.

Na pós-política, o discurso se estabelece como novo por uma suposta superação das ideologias. A resposta para a crise e a erosão da confiança no sistema democrático liberal burguês, o único conhecido no Brasil até então, seria a gestão tecnocrata da economia e da política. (FERNANDES, 2019, p. 1804).

Agenda econômica com Paulo Guedes e Pulsão pela morte

Após a introdução dos presentes, Bolsonaro passa a fazer uma “homenagem” aos 55 mil mortos pelo novo coronavírus. Bolsonaro:

Por outro lado, aproveitar o Gilson, presidente da Embratur, sanfoneiro, também, fala vários idiomas. Uma pessoa realmente que nos orgulha, estava dando show no turismo ano passado, 10% nosso turismo cresceu, estava voando o turismo, veio esse vírus aí e botou o turismo lá embaixo. Acho que foi um dos setores que mais sofreu, mas a gente vai falar sobre isso durante nossa conversa, e queria aproveitar o Gilson para isso. Eu sei que muito programa de rádio pelo Brasil que é 18h que toca ‘Ave Maria’. Agora são 18h e 02 minutos e nós queremos prestar uma homenagem aí aos 55 que se foram vítima do coronavírus. Vou pedir aí ao Gilson que se toque ave maria. (informação verbal)

Gilson começa a tocar uma versão improvisada de “Ave Maria” acompanhando o acordeom com sua voz. Bolsonaro a todo momento demonstra impaciência. Passa a mão no nariz e confere documentos enquanto Gilson prossegue cantando. Bolsonaro mais uma vez demonstra impaciência, mexe as mãos uma nas outras e coloca o óculos de grau novamente para examinar os papéis na mesa, enquanto Gilson continua a cantar no fundo. Gilson encerra bruscamente, levanta, dá um tapa no ombro de Bolsonaro e sai do quadro, enquanto o

presidente rapidamente agradece e começa a *live*. A homenagem aparece diante dos olhos como um quadro grotesco de desumanização de 55 mil vidas perdidas.

O que se segue é um diálogo de apologia a uma agenda político-econômica neoliberal que tem impacto direto no número de mortos pelo coronavírus. Bolsonaro:

Nós lamentamos as mortes, mas o objetivo de fechar era para que as pessoas uma vez contaminadas, fosse [sic] para os hospitais e fosse [sic] atendidos. Temos notícias, verdadeiras, que os hospitais têm sobras de leito [sic]. Então, não é que a gente queira que o pessoal se contamine, a contaminação é uma realidade. Ninguém discute isso aí, todo mundo acha que os entendidos, os médicos, que aproximadamente 70% das pessoas vão se contaminar, logicamente, se a pessoa for abaixo de 40 anos, bem de saúde, a grande maioria não vai sentir absolutamente nada, nem vai saber que foi acometido do vírus. Tem gente sadia aqui do meu governo que tava numa boa. (informação verbal)

Paulo Guedes interrompe e diz: “Eu tô com 70 anos, olha aqui...” [pega a máscara na mão e mostra ela dobrada]. Bolsonaro continua:

Até o general Heleno que tá com 75, mais ou menos, ele só ficou sabendo que estava com o vírus porque foi fazer o teste [Paulo Guedes fica mexendo com a máscara na mão] e ficou em casa fazendo esteira, inclusive. Agora, tem gente, de acordo com a idade, com outros tipos de doença [sic], aí vai enfrentar um problema sério durante aqueles dias que o vírus tiver nele e se não tiver um cuidado muito especial pode ir a óbito, que a gente lamenta, mas a preocupação é exatamente com isso: os mais velhos e os que têm comorbidades, doenças, o resto... Tem que ter cuidado também, mas a gente sabe que uma vez o vírus foi acometido o vírus ele... Ele... Vai ser transmissor e vai sofrer menos do que pessoas com esse tipo de doença ou com a idade [...] Mas isso vai do perfil, da vida sanitária de cada um. É de cada um. Pode ser gente da minha idade que não tá bem fisicamente. Se for acometido o vírus vai ter problema. Agora, não podemos ter aquele pavor lá de trás que chegou para junto a população, e houve, no meu entender, um excesso de preocupação apenas com uma questão e não podia se preocupar com a outra. (informação verbal)

O trecho destacado da *live*, exemplifica a pulsão de morte aqui já citada. Bolsonaro cria em sua narrativa a existência de classes entre pessoas “mais fortes” e “mais fracas” que vão padecer do vírus. E, caso essas pessoas padeçam, “tudo bem”, naturalizando a morte de dezenas de milhares de pessoas que, com políticas públicas e de proteção, poderiam ter

sobrevivido. Bolsonaro reproduz um comportamento adotado pelo fascismo alemão, em seu declínio, que defendeu a ideia de que "Se derrotado, o povo alemão deveria desaparecer - afirmação de Hitler" (LENHARO, 1994). É o que descreve também, no tempo das Big Techs, Morozov. Num processo crescente de avanço da intermediação pela tecnologia, visando o lucro, quem recebe a culpa pela morte é o indivíduo que sofre com sua desumanização para se justificar o absurdo, pois "o que mais poderia explicar os problemas de saúde senão suas deficiências pessoais? (MOROZOV, 2018).

“Se o remédio funciona, de quem é a culpa?”

A *live Se o remédio funciona, de quem é a culpa?* foi ao ar em 08 de julho. O país somava mais de 68 mil mortes. A *live* tinha como propósito realizar novamente a defesa da hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19. Desta vez, a *live*, que aconteceu no mesmo cenário da anteriori, contava com a presença dos mesmos convidados da *live Por que não falar da cloroquina?* Além de um médico, Dr. Ricardo Montes, que segundo os apresentadores, é professor da Clínica Médica da UERJ e reumatologista do Hospital Universitário Pedro Ernesto. Importante destacar que mesmo com a não eficácia do medicamento, sua prescrição é autorizada no país e alguns médicos passaram a prescrevê-la para o tratamento de Covid-19. Ainda em março, o governo havia solicitado a produção do medicamento pelo laboratório do exército brasileiro. Medida que foi acatada⁹.

O tipo de estudo observacional que havia sido atacado por Allan e demais participantes, agora é exaltado, no estudo que é objeto de discussão da *live*. “Sim, são estudos observacionais, mas eles mostram uma boa eficácia do remédio quando usado precocemente no covid-19. Então, quantas vidas teriam sido salvas se tivesse sido permitido que os médicos utilizassem a hidroxicloroquina precocemente já desde o início da pandemia”. (LOREZON).

Anti-intelectualismo e perseguição

Ao fim da defesa da hidroxicloroquina, o grupo inicia um ataque sistemático às universidades do país, principalmente as públicas.

⁹ Matéria publicada pela EBC durante o início da pandemia: “Governo usará laboratório do Exército para produzir cloroquina”.

Italo: “Vou mostrar para vocês o nível das universidades. Ontem eu mostrei para o Italo. Quando alguém me pergunta se eu tenho ensino superior, eu mostro essa tese de doutorado aqui. Universidade da Cidade de São Paulo departamento de... [...] Tese de doutorado 'O exército vermelho em canções’”.

Italo: Essa é de “boinha”.

Allan: A tese de doutorado é sobre os hinos da União Soviética.

Italo: Essa é de boinha. Foda quando o assunto é banheiro. Tem uma tese de doutorado em antropologia da universidade de salvador que trata do encontro sexual entre homossexuais nos banheiros públicos de salvador. E ele faz uma análise antropológica do banheiro. A tese do cara é isso: viado se encontrando.

Além da tentativa de ataque à academia brasileira, Italo explora um aspecto importante tanto na atual direita alternativa, quanto nas expressões de fascismo do início do século XX: a homossexualidade. Italo prossegue mais à frente, relatando não ser homofóbico e descrevendo que tem um amigo homossexual e contra atitudes como essas vindas da comunidade gay. Italo:

O cu e a bunda junto, gente! O que você vê na universidade brasileira não é brincadeira. Eu tenho um professor, na minha antiga faculdade - hoje eu sou pessoa non-grata lá-, eu tenho um professor que a tese de pós-doutorado desse cara é sobre um site de pegação gay. E tenho um amigo meu que também é professor e também é homossexual que contou isso para mim boquiaberto. Ele é homossexual, mas ele não é militante. Ao lado do companheiro dele e comentou com o companheiro dele “mas amor isso é coisa que qualquer viadinho de 14 anos sabe”. “Uma bichinha de 14 anos descobriu que é viadinho ontem, ele já sabe escrever essa tese e o cara fez um pós-doutorado em cima disso” e o problema não é o cara ser homossexual...

Allan diz: “Os gays com Bolsonaro lutam exatamente contra isso”.

Hermansson em seus estudos sobre a direita alternativa apontou a aceitação de pessoas gays no movimento, ao mesmo tempo que expõem sua homofobia. É quase como se a autorização a homossexualidade partice de uma expectativa de que as figuras homossexuais, ainda assim, se comportassem de modo heteronormativo.

“Fatos sobre a hidroxicloroquina, combate ao vírus”

A live “Fatos sobre a hidroxicloroquina” aconteceu em um dos momentos mais

críticos do novo coronavírus no Brasil. É um dos golpes finais do projeto de morte de Bolsonaro para o país. Ultrapassava-se a marca das 100 mil mortes. Nessa transmissão, o presidente contou com a presença novamente do presidente da Embratur, Gilson Machado, além de dividir a mesa com uma intérprete de libras e ter, ao fundo do vídeo, um senhor com 100 anos de idade, na semana em que havia revelado à imprensa ter testado positivo para a Covid-19. Na mesa, além dos papéis novamente espalhados, uma caixa de hidroxiquina e álcool em gel. Apenas a intérprete de libras usava uma máscara transparente. Bolsonaro:

Ele está atrás de mim, hein? Olha o risco que eu estou correndo. Seu Manoel Cardoso de Araújo. Tem 100 anos de idade pastor. Por que ele está aqui? Eu tenho algumas dezenas de pessoas que trabalham na minha segurança, e o filho dele, capitão de corveta, comandante Felipe me trouxe alguns da sua família para me visitar. E por que ele é perigoso? Porque ele tem 14 filhos. [...] O último filho dele foi com 63 anos. E naquele tempo, não tinha aditivo, não[...] Seu Manoel teve Covid em uns 30, 40 dias foi curado. Quer dizer, com essa idade foi curado, eu nem perguntei para ele se ele tomou alguma coisa. (informação verbal)

Alguém fala: “Tomou azitromicina...”.

Mesmo contabilizando o número de 100 mil mortes e diversos estudos acerca da ineficácia do medicamento, Bolsonaro continua a vender a cura, por meio do remédio. Com adendo de que, dessa vez, passa a falar também o uso da ivermectina no tratamento para o novo coronavírus. O fato não foi isolado, médicos passaram a prescrever o medicamento para o tratamento de Covid-19. Bolsonaro:

Tomou azitromicina e vermicina, a cloroquina, não? Não tomou a cloroquina. Então tem tem outras coisa [sic] que dá certo, né? Apesar de não ter comprovação científica. Pode ser também uma coincidência, como foi meu caso, mas o pessoal que tem tomado logo no início dos sintomas tem sentido o sucesso extremo. Ele tinha tudo, né? Estava naquele grupo de extremo risco pela idade dele. Ele está com 100 anos, ele tinha tudo para estar naquele grupo de risco total. Então, tomou azitromicina, ivermectina, aproveitou e matou as bicha toda, né? E tomou sem problema, também com 14 filho, não vai ter problema nenhum. (informação verbal)

Alguém diz ao fundo: “Estudo do cientista Karl Friston, diz que 80% da população pode ser imune à covid”. [Bolsonaro joga a caixinha de cloroquina que estava segurando na mesa]. Bolsonaro:

Eu vou divulgar nas minhas mídias sociais. Eu já chequei a fonte e não é *fake news*. Existe, né? É positivo? [pergunta Bolsonaro para a pessoa que citou o estudo] é para gente divulgar que mais uma pessoa habilitada diz que mais de 80% das pessoas não vão sentir nada, zero, não vai nem ter uma pequena gripe, nada zero, eu sempre falei que no meu caso, no meu caso, pela minha compreensão física, pela minha vida passada que eu tenho de esportistas, nunca foi sedentário. Que se eu fosse acometido não ia sentir absolutamente nada e isso foi verdade. Fui acometido... (informação verbal)

Benjamin descreve o caminho de contemplação da morte. É o que parece nos rondar no Brasil do bolsonarismo:

A humanidade que, outrora, com Homero, era um objecto de contemplação para os deuses do Olimpo, é agora objecto de autocontemplação. A sua autoalienação atingiu um grau tal que lhe permite assistir à sua própria destruição, como a um prazer estético de primeiro plano. É isto o que se passa com a estética da política, praticada pelo fascismo. (BENJAMIN, 1992, p. 113).

CONCLUSÃO

No prefácio do livro de Leandro Konder, *Introdução ao Fascismo*, Mauro Iasi faz o que poderia ser a síntese do caminho percorrido por esse artigo.

O culto pós-moderno do irracionalismo combinado com a ostensiva retomada de um cientificismo neo-positivista, o elogio dos sentimentos e instintos contra a razão, o pragmatismo renovado da *realpolitik*, a negação da teoria pela revigorada ofensiva daqueles que Žižek batizou de "agnósticos da new age", e, principalmente, o brutal anticomunismo, o cínico preconceito de classe contra os trabalhadores e sua mais sofisticada e sutil, mas nem por isso menos brutal, expressão acadêmica na tese do "fim do mundo do trabalho" e a suposta impropriedade do conceito de classe social como instrumento explicativo da sociedade contemporânea, nos alertam que os cadáveres enterrados na Itália e Alemanha tiveram tempo de liberar sua alma. (KONDER, 2009, p. 17).

Nove anos separam este prefácio e a chegada ao poder de um projeto que simbolizou a "libertação da alma" do fascismo do século XX. De uma nova forma, em um novo contexto, mas reutilizando as táticas de estetização da política e se fortalecendo numa crise do capitalismo. Compreendemos aqui como um ambiente impulsionado pelo o que Morozov chama de capitalismo digital (2018) foi um meio e não um fim no processo de estetização da política e cooptação do anseio de fim da exploração social para a ascensão de um neofascismo. Se no fascismo do século XX o cinema e o rádio foram a conexão explosiva

para a cooptação dos anseios populares e estetização da política sintetizando o anseio pelo fim da exploração em anseios vazios e despolitizados, no século XXI foram as redes que cumpriram esse papel. Mas não sozinhas: não existe projeto fascista que se levante sem o apoio do capital. Financeiro, naquele momento; digital e financeiro hoje. Evidenciar esse ponto não é e não pode ser sinônimo de se apropriar do termo “fascista” para denominar todo e qualquer regime de direita e/ ou autoritário. É, antes de tudo, um lembrete para recorrermos às lentes do materialismo histórico para que possamos compreender que as bases para a ascensão do fascismo estão sempre colocadas. Assim Walter Benjamin pontuou:

Cada época deve tentar sempre arrancar a tradição da esfera do conformismo que se prepara para dominá-la. Pois o Messias não vem apenas como redentor, mas como aquele que superará o Anticristo. Só terá o dom de atizar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver apreendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixa de vencer. (BENJAMIN, 1992, p. 12).

É nossa responsabilidade histórica apontar as contradições promovidas pelo capital; É nossa responsabilidade histórica construir processos politizadores que caminhem para a libertação da exploração social. O fascismo não pode se tornar um desdobramento natural do capital a cada nova crise. É preciso exorcizar de vez esse espírito que nos ronda e que se coloca com as vestes da tecnocracia e do corporativismo e que seguidamente chegou ao poder pela relativização daqueles que dizem defender a democracia liberal. O fascismo é o projeto de morte do capitalismo expresso. Cabe a nós combatê-lo e expor as forças que o sustentam.

REFERÊNCIAS

BANDARÓ, Sandro. **Presidente da FioCruz classifica covid-19 como o maior desafio do século e defende o isolamento social.** BandNews, 2020. Disponível em: <<http://bandnewsfm.band.uol.com.br/2020/05/04/presidente-da-fiocruz-classifica-covid-19-como-o-maior-desafio-do-seculo-e-defende-o-isolamento-social/>> Acessado em: 26/05/2020.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações.** Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

CARVALHO, Laura. **Valsa Brasileira: Do boom ao caos econômico.** 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018.

CONTRERA, M. S.; BAITELLO JUNIOR, N. **Na selva das imagens: Algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação.** Significação: Revista de Cultura Audiovisual, [S. l.], v. 33, n. 25, P. 113-126, 2006. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2006.65623. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65623>. Acesso em: 26 out. 2020.

DUPUIS, Melanie. **Nature's Perfect Food: How Milk Became America's Drink.** NYU Press, 2002. Kindle Edition.

ECO, Umberto. **Fascismo eterno.** 1a ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira.** Autonomia Literária, 2019. Kindle edition.

FIOLET, Thibault et al. **Effect of hydroxychloroquine with or without azithromycin on the mortality of coronavirus disease 2019 (COVID-19) patients: a systematic review and meta-analysis.** Clinical Microbiology and Infection. Agosto, 2020. Disponível em: <[https://www.clinicalmicrobiologyandinfection.com/article/S1198-743X\(20\)30505-X/fulltext#articleInformation](https://www.clinicalmicrobiologyandinfection.com/article/S1198-743X(20)30505-X/fulltext#articleInformation)> Acessado em: 14 de nov. 2020.

FORATO, Thaís. **BIOGRAFIAS.** Grupo de História e Ensino de Ciências - GHTEC. Disponível em <<http://www.ghtc.usp.br/Biografias/Newton/Newton3.htm>> Acesso em: 15 de nov. 2020.

HERMANSSON, Patrick et al. **The International Alt-Right: Fascism for the 21st Century?.** 1. ed. Routledge. 2018. Kindle edition.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo.** 2a. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

_____. **O que é dialética?** 28a ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: “o triunfo da vontade”.** São Paulo: Ática, 1989.

MELLO, Patrícia. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp**. Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/1/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>> Acessado em: 26/05/2020.
Sem assinatura. Bolsonaro

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. Ed. 1. São Paulo: Ubu, 2018.

OLIVEIRA, Dennis. **Ideologia e/ou Cultura: O Mal Estar Da Contemporaneidade**. Revista ALTERJOR. Vol. 1. Ed. 0. São Paulo: 2009.

SILVEIRA, Sergio. **Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas**. Edições Sesc SP, 2019. Kindle edition.

SOUSA, Rui. **Estetização da política e politização da arte”: a estética do fascismo nas obras de Walter Benjamin**. Revista Espaço Acadêmico, no. 171. Maringá, 2015.

TAJRA, Alex. Carreatas contra isolamento social têm críticas a Maia e apoio a Bolsonaro. UOL, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/18/carreatas-contra-isolamento-social-tem-criticas-a-maia-e-apoio-a-bolsonaro.htm>> Acessado em: 26/05/2020.

WALTER, Benjamin. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2012.

_____. **O capitalismo como religião**. Organização Michael Löwy; tradução Nélio Schneider, Renato Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **O anjo da história**. Organização e tradução João Barrento; 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. **Sobre a arte, técnica, linguagem e política**. Tradução Maria Amélia Cruz; Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

Žižek, Slavoj. **O sujeito incômodo**. 1a ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

